Movimentos da atenção: um diálogo com William James

Movements of attention: a dialogue with William James

Gustavo Cruz Ferraz
Virgínia Kastrup
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Brasil

Resumo
O tema da atenção vem ganhando cada vez mais destaque na contemporaneidade. Não apenas na psicologia, mas também nas mais diversas esferas de nossa vida cotidiana se manifesta um claro interesse em torno do tema. Este artigo busca explorar a atenção do ponto de vista de seu funcionamento, a partir de uma análise da vertente psicológica do trabalho de William James. Não se trata aqui de uma curiosidade histórica que visaria acompanhar todo o percurso de sua conceituação acerca da atenção, mas sim de ressaltar algumas nuances de sua investigação que têm sido pouco valorizadas pelos trabalhos de psicologia da atenção e que ganham especial importância no contexto da contemporaneidade. Noções como as de seletividade, interesse e focalização são trabalhadas em articulação com o conceito de fluxo do pensamento, com o objetivo de se contrapor à concepção de um funcionamento homogêneo da atenção e privilegiando sua dimensão de flutuação.

Palavras-chave: William James; atenção; consciência.

Abstract
The attention subject is getting more and more exposure in contemporary times. Not only in psychology, but in the most different spheres of our everyday lives, a great interest is showed about the subject. This article seeks to explore attention from the standpoint of its functioning, by analyzing the psychological perspective of William James's work. It's not a matter of historical curiosity, with the sole purpose of accompanying the course of its definition towards attention, but of highlighting some aspects of his investigation that have been underestimated by the works of the psychology of attention, and that gain significant importance in the context of our present time. Notions such as selectivity, interest and focalization are developed along with the concept of stream of thought, in order to oppose itself to a conception of a homogeneous functioning of attention and privileging its floating dimension.

Keywords: William James; attention; consciousness.

Introdução
O tema da atenção vem ganhando cada vez mais destaque na contemporaneidade. Não apenas na psicologia, mas também nas mais diversas esferas de nossa vida cotidiana se manifesta um claro interesse em torno do tema: seja no campo do consumo e da propaganda, no qual são buscadas uma série de estratégias de captura da atenção, seja no campo do trabalho e da escola onde a atenção é tomada como pré-condição para o bom desempenho, ou ainda no campo da saúde onde se faz cada vez mais presente o diagnóstico de TDA/H (transtorno do déficit de atenção e hiperatividade). Pode-se notar uma crescente demanda por um gerenciamento eficaz e produtivo da atenção, de forma que esta se configura contemporaneamente como uma espécie de bem cognitivo/subjetivo a ser trabalhado. Este interesse pela atenção encontra ressonância nos trabalhos de uma série de autores que, mesmo a partir de campos de abordagem distintos e com análises mais ou menos críticas, colocam a atenção como foco de suas discussões. Alguns exemplos são trabalhos como o de Pierre Lévy (2004), que busca

mostrar a importância da atenção em um contexto em que as relações econômicas ganham novas configurações a partir do ciberespaço, desenhando-se assim uma economia da atenção; Jonathan Crary (2001) que faz uma análise histórica acerca da constituição do indivíduo atento a partir da virada do século XIX para o século XX; o trabalho de Rossano Cabral Lima (2005), que se volta para o recente 'boom' de diagnósticos de TDA/H, questionando a posição de que este seria resultado de um aprimoramento diagnóstico por parte do saber psiquiátrico e buscando relacioná-lo a novos padrões culturais de produção de subjetividades; ou ainda o trabalho de Luciana Caliman (2006), que situa a constituição do indivíduo atento e do indivíduo desatento no interior do processo histórico de biologização moral da atenção.

Pode-se notar a grande diversidade dos campos a partir dos quais as questões referentes à atenção são colocadas e, conseqüentemente, a ampla gama de aspectos que lhe são relacionados. Isto indica que o conceito de atenção ganha diferentes nuances e recobre uma série de fenômenos distintos, situando-se como ponto de cruzamento entre diferentes discursos e tirando daí, talvez, sua força e seu lugar privilegiado de análise.

Este crescente interesse pelo estudo da atenção tem levado a uma releitura de autores do século XIX que tiveram contribuições relevantes e originais sobre o tema (cf. Camus, 1996; Mialet, 1999; Crary, 2001; Vermersch, 2002). Este artigo busca explorar a atenção do ponto de vista de seu funcionamento, a partir de uma análise da vertente psicológica do trabalho de William James. Na psicologia, assim como no atual cenário das ciências cognitivas, essa discussão ganha contornos especiais tendo em vista a retomada dos estudos da consciência a partir da década de noventa. Não se trata aqui de uma curiosidade histórica que visaria acompanhar todo o percurso de sua conceituação acerca da atenção, mas sim de ressaltar algumas nuances de sua investigação que têm sido pouco valorizadas pelos trabalhos de psicologia da atenção e que ganham especial importância no contexto da contemporaneidade. Noções como as de seletividade, interesse e focalização são trabalhadas em articulação com o conceito de fluxo do pensamento, com o objetivo de se contrapor à concepção de um funcionamento homogêneo da atenção (Kastrup, 2005) e privilegiando sua dimensão de flutuação.

Voltando a atenção para William James

James possui uma extensa obra que se caracteriza pelo interesse por diversos campos de saber, debruçando-se sobre temas como a consciência, a relação mente-corpo e a experiência religiosa. Essa diversidade de interesses se faz notar não só a partir de uma análise de sua obra como um todo, mas também na forma como conduz cada um de seus trabalhos. Sua psicologia é constantemente inspirada pelo estudo do funcionamento do cérebro, sua filosofia se dirige em alguns momentos para as questões metafísicas, mas se volta sempre para a vida em sua dimensão pragmática e dinâmica. Suas discussões científicas e sua análise do método experimental nunca o levaram a abandonar a introspecção, tomada em sua dimensão experiencial. Desta forma, pode parecer difícil estabelecer uma linha que organize sua obra. Contudo, sente-se ainda hoje a influência da riqueza de seu pensamento nas mais diversas áreas de saber.

Ainda que não seja possível estabelecer esta sistematização de forma rígida, pode-se estabelecer algumas linhas gerais. Pode-se dizer que há um primeiro momento, psicológico, que consiste basicamente nos dois volumes dos *Princípios de Psicologia* (James, 1952/1890) e em duas obras posteriores *Psychology: briefer course* (James, 1892/1992) e *Talks to Teachers* (James, 1924/1899) (que são, na verdade, desdobramentos dos *Princípios*), e um segundo momento, filosófico, do qual fazem parte seus textos sobre o pragmatismo e sobre o empirismo radical (James, 1904/1974; McDermott, 1977). Tal divisão teria sido indicada pelo próprio James (Guttman, 2005). Outra forma de organização é aquela apontada por David Lapoujade (1997, 1999), que coloca o ano de 1904 como um marco em sua obra devido ao aparecimento do conceito de experiência pura nos textos dos *Ensaios em Empirismo radical* (1904/1974) (1).

Uma vez que o objetivo não é fazer um mapeamento da obra jamesiana, mas sim analisar algumas linhas menos privilegiadas de seu trabalho sobre atenção, o foco principal deste trabalho se concentra na vertente psicológica de sua obra.

James se notabilizou na história da psicologia por sua crítica ao empreendimento elementarista e associacionista da psicologia de seu tempo, crítica esta que tem no conceito de fluxo do pensamento um de seus pontos altos. No que concerne mais especificamente ao tema da atenção, seu trabalho é constantemente citado como uma das maiores referências no campo (Arvidson, 1998; Mialet, 1999). Mialet afirma que mesmo trabalhando no final do século dezenove James 'admiravelmente delimitou seus contornos' (Mialet, 1999), definindo as questões fundamentais, a começar pela mais central: 'o que é a atenção?'

> Todos sabem o que é a atenção. É a ação de tomar posse realizada pelo espírito, de forma clara e vívida, de um entre outros vários objetos ou séries de pensamentos simultaneamente possíveis. Focalização, concentração da consciência são sua essência. Implica o afastamento de algumas coisas para ocupar-se efetivamente de outras (...) (2) (James,1890/1952, p. 375).

Uma vez que o tema é vasto e possui uma série de questões que poderiam lhe ser articuladas, como as diferentes variedades de atenção, os diferentes elementos aos quais se poderia prestar atenção simultaneamente, sua dimensão quantitativa e seus limites, para citar apenas algumas, e uma vez também que a análise de James é cheia de idas e vindas, buscaremos trabalhar a partir desta definição, destacando alguns pontos importantes e expondo os conseqüentes desdobramentos.

Nota-se de início a importância da noção de uma 'ação de tomar posse'. Como o próprio James (1890/1952) ressalta, na afirmação citada acima de que 'todos sabem o que é a atenção', essa noção encontra-se muito próxima do que se considera no senso comum o que é estar atento. Há um 'ater-se a' que caracteriza este estado. Ao fixar-se em um determinado objeto ou pensamento, a atenção opera uma seleção, pois deixa de lado uma série de outros objetos ou séries de pensamentos possíveis. Percebe-se já aqui a presença de algumas noções que serão de extrema importância tanto na conceituação de James quanto para os estudos posteriores acerca da atenção: a seletividade e a focalização ou concentração, que para ele são sinônimos. Arvidson (1998) afirma que grande parte dos estudos contemporâneos se resume ao estudo da atenção seletiva e, em sintonia com o que havia afirmado Mialet, cita James com uma das referências neste empreendimento. Contudo, Arvidson também afirma (o que é de extrema importância aqui), que este privilégio quanto à atenção seletiva é muitas vezes desconectado do contexto do fluxo do pensamento. É válido, portanto, tentar desdobrar esta 'ação de tomar posse' sob a luz deste conceito, remetendo, por um lado, ao aspecto ativo e seletivo desta 'ação', e, por outro lado, a seu aspecto de focalização ou concentração. O aspecto ativo e seletivo representa uma atitude em relação à multiplicidade de objetos e pensamentos que se nos apresentam; já o aspecto de concentração ou fixação incide sobre o conjunto de 'objetos ou séries de pensamentos' aos quais se volta a atenção.

Comecemos pelo que diz respeito à seletividade. Como foi colocado anteriormente, há um esforço na teoria psicológica jamesiana de se contrapor à psicologia de seu tempo, buscando mostrar o quão hipotética e abstrata é uma concepção da mente erigida a partir do conceito de sensação. A tarefa psicológica seria, para James, a descrição e explicação dos estados de consciência enquanto estados de consciência, logo, sem reduzi-los a conteúdos elementares invariantes (as sensações). O fato primeiro da ciência psicológica é, assim, também o mais geral: quando estamos despertos se desenrola em nós uma sucessão de estados, de campos, de ondulações, uma corrente ou fluxo de pensamento.

> Assim, pois, há em nós campos de consciência: eis aqui um fato geral. Um segundo fato é que os campos conscientes concretos são sempre complexos. Estão compostos de sensações de nosso corpo e dos objetos que nos rodeiam, de lembranças, de experiências passadas, de pensamentos, de coisas distantes, de sentimentos, de satisfação ou moléstia, de desejos e

> aversões, de estados emocionais juntamente com outras orientações da vontade, tudo em extrema variedade de combinações e permutações (James, 1899/1924, p.20).

Segundo o autor, ainda que esta tese seja vaga, não é hipotética. A vida mental não é um agregado de partes, mas se apresenta como um todo unitário e complexo que flui no tempo. Todas estas ordens de componentes, que compõem os campos de consciência, estariam presentes a um mesmo tempo e em graus diferentes, podendo variar e fazendo oscilar sua relativa intervenção. No entanto, a cada momento teríamos um componente como mais proeminente, como um foco de nossa atenção, enquanto os outros aspectos configurariam um fundo, ou uma margem. Esta distinção *foco x margem* é de extrema importância, sendo amplamente utilizada nos estudos da atenção seletiva**.** O cenário descrito por Arvidson, conforme colocado anteriormente, aponta para este fato. Mas devemos nos lembrar também de sua ressalva quanto ao esquecimento no que concerne ao contexto do fluxo do pensamento, que se evidencia no constante uso da metáfora do foco de luz. A atenção seria este foco que ilumina determinados elementos deixando uma série de outros à sombra. Considera-se que tudo aquilo que está fora do foco de minha atenção (na região de sombra) comparece como um ruído, algo ao qual não se atende e que não guarda relação positiva com o que está sob o foco. Desta forma seríamos levados a pensar um funcionamento homogêneo e um modelo binário (0-1) da atenção (Kastrup, 2005) o que - ao deixar de lado a constante variação, oscilação e recíproca intervenção entre os diversos componentes dos campos de consciência - atenua as nuances da dimensão dinâmica da consciência. Ora, era exatamente isso o que James buscava ressaltar ao pensar a consciência como um fluxo e justamente isso o que constitui o traço específico e novo de seu pensamento. É o que aponta David Lapoujade (1997, p. 8) em sua análise:

> nos Princípios de Psicologia (1890/1952), as realidades psicológicas são concebidas como fluxos que se entrecruzam e se interpenetram num verdadeiro 'emaranhado'. A consciência não se define como uma realidade substancial, nem mesmo como um ato reflexivo. Ela é o movimento daquilo que se faz consciente. Naquele livro, com efeito, se mostra como a consciência não cessa de traçar seus limites no pensamento, como ela se estende ou se contrai fora do inconsciente que a margeia.

Vale destacar também que James não faz uma distinção precisa entre atenção e consciência, sendo a seletividade uma característica da consciência de forma mais geral. James chega a formular no capítulo 5 dos *Princípios*: "a consciência é, em todas as ocasiões, primeiramente, uma agência seletiva" e completa, "a parte enfatizada está sempre em estreita conexão com algum interesse sentido pela consciência como supremo naquela ocasião" (James, 1890/1952, p. 91). Para James o fenômeno da atenção não foi tematizado pelos teóricos da psicologia empírica inglesa porque estes tomam as faculdades superiores do espírito como produtos puros da experiência, e a experiência para estes se resume a um puro "dado". James recusa esta concepção de experiência (3), colocando que:

> desde o momento em que alguém pensa sobre o assunto, vê o quão falsa é uma noção de experiência que a fizesse equivalente a simples presença frente aos sentidos de uma ordem exterior. Milhões de itens da ordem exterior são presentes aos meus sentidos sem que nunca propriamente entrem em minha experiência. Por quê? Porque não tem interesse para mim. Minha experiência é aquilo a que me convém atender (James, 1890/1952, p. 260).

A atenção romperia então com esta receptividade pura, implicando um certo grau de atividade. Aqui cabem algumas colocações. Esta atividade, segundo nossa perspectiva, não é a marca de um sujeito fechado em si mesmo (discussão que será mais detalhada adiante), mas remete à possibilidade de produção de novas e singulares experiências. Não temos todos as mesmas experiências diante do mundo, o mesmo se dando até para um mesmo indivíduo. James aponta constantemente nos *Princípios* para o que ele denominou de *falácia do psicólogo,* que consiste na confusão entre objeto pensado e o pensamento que visa o objeto. Foi exatamente por conferir primazia ao objeto, com suas propriedades invariantes e seu caráter discreto e descontínuo, que a psicologia teria encontrado extrema dificuldade em remontar à dimensão fluida e contínua da experiência. Na busca por valorizar esta dimensão contínua e fluida, mas relacionando-a aos momentos mais estáveis da consciência, James estabelece a importante distinção entre "partes substantivas" (*substantive parts*) e "partes transitivas" (*transitive parts*) do pensamento. As partes substantivas, são aquelas em que o pensamento parece adquirir uma forma definida e limitada, podendo ser sustentadas e contempladas sem mudança. Já os momentos de passagem, ou partes transitivas, são os pensamentos das relações, sendo elas estáticas ou dinâmicas, que são normalmente obtidas entre o que foi considerado nos momentos de parada (4). Como disse James:

> Quando temos, de fato, uma visão geral do maravilhoso fluxo de nossa consciência, o que nos espanta, em primeiro lugar, é essa diferente rapidez de suas partes. Como a vida de um pássaro, ele parece ser feito de uma alternância de vôos e pousos (James, 1890/1952, p.158).

É devido, portanto, à tentativa de escapar à *falácia do psicólogo* que James dá acento à existência das partes transitivas do pensamento que, ainda que sejam de difícil apreensão, não deveriam ser tomadas como não presentes ou não existentes. James coloca que temos o hábito de "não prestar atenção às sensações como fatos subjetivos, mas simplesmente usá-las como degraus, para passar ao reconhecimento das realidades, cuja presença elas revelam" (James, 1890/1952, p.150). Oblitera-se assim a enormidade de experiências diferentes que se tem diante do mundo, assim como de suas diferentes articulações no tempo, em nome de uma presença objetiva que se ofereceria à representação. A seletividade aponta, portanto, para o caráter singular de cada experiência.

Deve-se notar também aqui que o sinal desta atividade seria o interesse, pois é a partir deste que se delimitam as ênfases e acentuações realizadas, delineando em última instância o que se faz presente ou ausente à experiência. Para ele

> estes escritores (da psicologia empírica inglesa) têm ignorado, pois, o deslumbrante fato de que o interesse subjetivo pode, ao colocar seu poderoso dedo índice nos itens particulares da experiência, acentuá-los de tal maneira que dê às associações menos freqüentes mais poder para moldar nosso pensamento do que possuem as associações mais freqüentes. O interesse ele mesmo, ainda que sua gênese seja perfeitamente e indubitavelmente natural, faz à experiência muito mais do que é feito por ela (James, 1890/1952, p. 372).

Tem-se então um outro elemento importante na concepção jamesiana e que se articula tanto à questão da seletividade quanto à questão da distinção entre atenção voluntária e atenção involuntária, a ser tratada mais adiante: o interesse. A atenção é orientada pelo interesse, pois é por meio deste que se opera a seletividade. Deve-se, entretanto, tomar alguns cuidados com tal colocação. Pode-se dizer que grande parte dos trabalhos que consideram as análises de James sobre atenção como voluntaristas, ou seja, colocam a atenção como sendo 'guiada' por um eu, por um ato de vontade que orienta e sustenta a atenção, enfatizam e reforçam a importância da noção de interesse em sua teoria. Há, de fato, um lugar para tal interpretação, pois tensões e hesitações permeiam a obra de James

- característica esta que não deriva de inconsistência, mas sim de certa ousadia no pensamento, que busca apreender os fenômenos em sua multiplicidade e concretude. No entanto, é possível também, graças à riqueza e ao ímpeto de seu trabalho, buscar desdobrar e atualizar outras linhas, igualmente presentes. A afirmação citada acima de que há uma gênese "natural" do interesse dá indícios, de que este não representa uma faculdade de um sujeito fora do tempo e descolado do mundo, mas se situa no plano das ações de um organismo em seu meio. "O pensamento empírico de um homem depende de coisas que experienciou, mas o que estas serão é, em grande medida, determinado pelos hábitos de atenção do homem" (James, 1890/1952, p. 185). A noção de hábito aqui é importante pois, para além de seu caráter de repetição, implica uma dimensão temporal, apontando para um campo aberto de possíveis e uma dimensão de fronteira. Há um momento de passagem ou uma interface entre o eu e aquilo que lhe é exterior, mas que, posteriormente, o constituirá. Hábitos podem ser contraídos. A partir de tais indícios pode-se dizer que o eu não comparece como fonte ou substrato da consciência, ou seja, o eu não é primeiro em relação à experiência, mas deve ele próprio se constituir a partir da experiência (5). Como afirma Lapoujade (1999, p. 22):

> cada campo de consciência está então em uma relação indireta de interpretação com os momentos que precedem. Um momento de nós-mesmos interpreta um outro. Cada momento é, com efeito, uma espécie de intérprete excêntrico, meio-interior e meio-exterior (interior à consciência, mas exterior ao presente do qual ela tem consciência atualmente).

A experiência se remodela continuamente a partir de seus movimentos, está imersa neste fluxo constante. Daí as palavras de James de que 'o pensamento é, ele mesmo, o pensador' (James, 1890/1952, p. 259). Daí também a colocação de Lapoujade citada anteriormente de que para James a consciência "é o movimento disso que se faz consciente" (idem, p. 9). Trata-se de uma forma de pensar que nega a experiência como um puro dado e que busca ressaltar a dimensão ativa no processo da atenção, sem ao mesmo tempo recair em uma concepção que considera a atenção uma faculdade de um sujeito fechado em si mesmo. Tal concepção ganha ressonância, ainda que com matizes próprios, em Maurice Merleau-Ponty (1971, p. 45), quando afirma:

> O empirismo não vê que temos necessidade de saber o que procuramos, sem o que não o procuraríamos, e o intelectualismo não vê que temos necessidade de ignorar o que procuramos, sem o que novamente não o procuraríamos.

Cabe agora analisar o segundo ponto, que havia sido destacado anteriormente: a focalização ou concentração, e que comparece articulado ao suposto caráter 'voluntarista' da concepção jamesiana da atenção. Na definição citada no início do presente artigo ganha ênfase a 'ação de tomar posse', que é complementada pela noção de focalização ou concentração. Esta idéia estaria atrelada a noção de captura, mais especificamente, de fixação. A atenção seria caracterizada por esta dupla operação de seleção e fixação, concretizada no 'ato de prestar atenção'. Mas não seria estranho que um autor que define a experiência subjetiva consciente como fluida, e que também não faz distinção entre a atenção e a consciência, definir a atenção como pura fixação, deixando de lado sua fluidez e suas modulações?

No texto *Talks to Teachers,* uma publicação de 1899 cujo conteúdo reproduz um conjunto de temas dos *Princípios* em versão sintetizada para ser apresentada em palestras para pedagogos, fica clara a preocupação de James com esta questão. As idéias apresentadas já estavam presentes nos *Princípios*, no entanto, dado o objetivo daquelas palestras, nota-se uma grande preocupação da parte de James em apresentar seu pensamento da forma mais clara e acessível possível. Uma das questões mais importantes, segundo ele, era como 'capturar' o interesse dos alunos (6), ou seja, como tornar interessante aquilo que os professores buscavam ensinar, pois 'dizer de um objeto que é interessante é somente outro modo de afirmar que excita a atenção' (James, 1899/1924, p. 115). É importante

notar aqui a maneira como James encaminha suas colocações. Ali onde se poderia esperar recomendações de rigor quanto à disciplina e o desenvolvimento de técnicas para o gerenciamento e sustentação do esforço, James acentua exatamente a dimensão de flutuação da atenção. É certo que uma série de fatores envolvendo a disciplina, assim como a necessidade de um esforço de concentração, ganham espaço e são abordados, no entanto a ênfase recai sobre outros aspectos, como é o caso da flutuação. É característico do operar da atenção flutuar. Referindo-se a Helmholtz, James coloca: "a tendência natural da atenção, quando se abandona a si mesma, consiste em passar a coisas sempre novas" (James, 1890/1952, p. 273). Isto pode ser notado por meio de um pequeno exercício passível de ser realizado por qualquer pessoa e que consiste em fixar os olhos em um ponto fixo do espaço. Dá-se então um estado no qual ou o próprio olho vagueia para objetos distintos ou o espírito alcança uma espécie de "solene sentido de entregar-se ao inerte e transitório curso do tempo" (idem, p. 261). Há assim sempre uma passagem, procuramos sempre um aspecto novo do objeto, e James ressalta que se isso é verdade para a atenção sensorial (7), o é ainda mais para a atenção intelectual. A atenção voluntária, que se caracteriza pelo sentimento de esforço, não se sustenta por muito tempo. James afirma: "a atenção voluntária é, pois, uma questão essencialmente momentânea" (James, 1899/1924, p. 118). Esta opera por puxões ou sacudidelas, assim, "o processo, qualquer que seja, esgota-se em somente um ato" (idem, p. 117). Daí a articulação, apontada anteriormente, entre as noções de fixação, interesse, e a distinção entre atenção voluntária e involuntária. A 'ação de tomar posse' que caracteriza o estado atento não ganha seu traço mais proeminente no repetido esforço por fixação, e a própria fixação não consiste em um isolamento do objeto sobre o qual se debruça. A noção de fixação ganha, portanto, uma nova nuance que permite uma abertura para que se pense a atenção em suas diferentes modulações. James promove aqui uma inversão interessante. A título de exemplo analisa a questão da atenção dos 'gênios'. Segundo ele, costuma-se atribuir a genialidade destes a capacidade de manter a atenção fixada e sustentada em um mesmo objeto por longos períodos de tempo. Em suas palavras:

> Comumente se crê que os gênios se sobressaem aos outros por seu poder de atenção sustentada. Na maioria deles, há de se temer que a 'faculdade' assim chamada seja de espécie passiva. Suas idéias deslumbram, qualquer assunto se ramifica ante seus espíritos infinitamente férteis, e assim podem estar extasiados por horas. Mas é seu gênio que os faz atentos, não sua atenção que os faz gênios. E, quando penetramos na raiz da questão, vemos que diferem dos homens menos no caráter de sua atenção que na natureza dos assuntos sobre os quais se entrega sucessivamente. No gênio, estes formam uma série concatenada, sugerindo-se mutuamente por sua lei racional. Por conseguinte, chamamos sua atenção de 'sustentada' e o tópico da meditação por horas de 'o mesmo'. No homem vulgar a série é em sua maior parte incoerente, os objetos não tem laço racional e chamamos a atenção ambulante e sem fixação (James, 1890/1952, p. 274).

O gênio mantém sua atenção acesa exatamente por sua capacidade de tornar o objeto interessante, ou seja, por ser capaz de fazê-lo variar sem cessar. O que se valoriza são as relações estabelecidas. Diante de uma mente genial os objetos são mais vivos pois se ramificam, apresentam uma série de relações possíveis que se desdobram, ganhando, consequentemente, sempre uma faceta nova. Desta forma articula-se o velho e o novo, o uno no múltiplo. É a potência de articulação, a multiplicidade de relações possíveis, que configura a fixação. Esta estaria assim mais próxima da questão da sustentação do que da focalização, pois diz respeito mais a dimensão temporal necessária para que estas múltiplas articulações se façam, do que a um processo de focalização ou congelamento

do fluxo. Certamente se produz um jogo de luz e sombra, pois há uma inteligibilidade entre estas possíveis articulações uma vez que se mostram mutuamente relacionadas. A própria noção de focalização guarda sua importância, uma vez que aponta para a inteligibilidade e consistência destas articulações, mas é fundamental que se destaque essa possibilidade de modulação e variação da dinâmica atencional. Desta forma abre-se espaço para graus cada vez mais variados de complexificação e, conseqüentemente, abre-se espaço para relações muitas vezes não previsíveis, ou seja, para a criação. Estas colocações, mais uma vez, encontram ressonância nas palavras precisas e extremamente refinadas de Merleau-Ponty (1971, p. 46):

> A primeira operação da atenção é pois de se criar um *campo*, perceptivo ou mental, que se possa dominar (Ueberschauen), onde movimentos do órgão explorador, onde evoluções do pensamento sejam possíveis sem que a consciência perca pouco a pouco sua aquisição e se perca ela mesma nas transformações que provoca. (...) A atenção como atividade geral e formal não existe pois. Há em cada caso uma certa liberdade para se adquirir, um certo espaço mental para se dispor. Falta fazer aparecer o próprio objeto da atenção. Trata-se aí, ao pé da letra, de uma criação.

Nota-se também, voltando à citação de James, que não se trata de uma capacidade privada e já desenvolvida em certos 'privilegiados' pois, ao se remeter a 'raiz da questão' e falar dos 'gênios', James aponta também para a 'natureza dos assuntos *sobre os quais se entrega sucessivamente*' (grifo nosso). Retomamos aqui a colocação citada anteriormente de que 'o pensador é, ele mesmo, o pensamento' (James, 1890/1952, p. 259). O ato atencional não se resume, então, ao ato de 'prestar atenção', que seria totalmente dirigido por um sujeito, pois há um constante jogo entre aquilo que se estabiliza e o que está por advir, tal como comparece na colocação de Merleau-Ponty de que a atenção cria um campo no qual evoluções do pensamento são possíveis sem que se percam. Percebe-se a tensão entre a flutuação e a fixação, característica da atenção, e que é também expressa da seguinte forma por James (1899/1924, p. 124):

> O máximo de atenção será logrado quando se obtiver uma harmonia sistemática ou unificação entre o novo e o velho. Curiosa circunstância é que nem o novo e nem o velho são por si só interessantes; o absolutamente velho é insípido, e o absolutamente novo não chama bastante atenção. O velho no novo é o que mais estimula (...), o velho com alguma novidade. Ninguém assistirá a uma conferência sobre um assunto que não guarde conexão alguma com coisas já sabidas; todos gostam de saber algo mais sobe pontos já conhecidos. Tal ocorre com a moda, que todos os anos nos traz uma pequena modificação nos trajes do ano anterior; se a alteração fosse feita de uma vez, a soma de dez anos não seria agradável à vista.

Tem-se aqui um bom exemplo da perspicácia do pensamento jamesiano e de seu estilo despojado ao transitar por exemplos e situações que, ainda que diversas, possuem sempre uma atualidade e concretude. Suas colocações permitem desdobramentos e articulações entre aspectos que pareceriam opostos. O interesse permanece sendo importante em suas colocações sobre atenção, contudo, a forma como este comparece revela uma faceta múltipla. Nenhum interesse se esgota no objeto, uma vez que é por meio de um contraste, ou de uma tensão, entre o novo e o velho que algo é notado e que a atenção se sustenta, se fixa. Por outro lado não se resume a atividade deliberada de um eu, no ato de "prestar atenção", pois, novamente, a atenção tende a flutuar e desdobrar novos aspectos dos objetos e novas possibilidades de experiência. Assim

presentifica-se a complexidade do ato atencional, que não se esgota no objeto ou no sujeito, na fixação ou na flutuação, na atividade ou na receptividade, e que comporta diferentes modulações tendo, portanto, um funcionamento não homogêneo.

Considerações finais

Abordar o tema da atenção na sua complexidade implica em um constante desafio, pois este esforço comparece intimamente articulado às diversas maneiras pelas quais estabelecemos laços não só com o mundo, mas também com os outros e conosco. É interessante notar aqui que Lapoujade (1997,1999), ao se referir à forma com que James busca instituir um conhecimento psicológico, se utiliza do termo *devir consciente.* A psicologia deveria constituir um método capaz de entrar em relação de imanência com estes movimentos da experiência que "se fazem conscientes". Da mesma maneira, Depraz, Varela e Vermersch (1999, 2003), ao retomarem o estudo da experiência na contemporaneidade, também dirigem seu trabalho para o estudo da experiência de *devir-consciente,* para o qual buscam desenvolver uma metodologia de investigação específica. Para além de uma mesma terminologia nota-se a proximidade na forma de abordagem da experiência, como se pode perceber a partir da colocação de Varela e Shear (1999, p. 14): "a experiência humana não é um domínio fixo, predeterminado. Ao invés disso, ela é mutante, mutável e fluida. (...) Ela se move e muda, e sua exploração é também parte da vida humana". Todo o esforço consiste na constituição de um método capaz de acompanhar estes movimentos, o que requer a constituição de uma *atenção sensível* a este processo. Nota-se assim a valorização daquilo que a experiência possui de potência criadora e a importância concedida ao aspecto ético da questão, o que é extremamente significativo na contemporaneidade, quando o tema da atenção comparece como lugar de cruzamento entre discursos de normalização e de criação (Lima, 2005; Caliman, 2006). A obra de James constitui um fértil momento neste empreendimento, possuindo um alcance que pode ser vislumbrado a partir de suas palavras ao encerrar seu clássico capítulo sobre o *fluxo do pensamento*:

> A mente, em resumo, trabalha sobre os dados que recebe de forma semelhante ao escultor que trabalha sobre seu bloco de pedra. Em certo sentido, a estátua esteve lá por toda a eternidade. Mas havia milhares de estátuas diferentes ao lado dela, e se deve ao escultor o fato de tê-la deslindado entre todas as outras. Assim é com o mundo de cada um de nós, por mais diferentes que possam ser as várias visões que temos dele, tudo repousa imerso no caos primordial de sensações, que fornece a mera *matéria* para o pensamento de todos nós indiferentemente. Podemos, caso haja interesse, fazer as coisas retornarem àquela continuidade escura e desarticulada de espaço e nuvens errantes de átomos incontáveis, que a ciência chama o único mundo real. Mas, durante todo o tempo, o mundo que *nós* sentimos e, no qual vivemos, será aquele que nossos ancestrais e nós mesmos, por esforços lentamente acumulativos de escolha, deslindamos a partir deste, como escultores, rejeitando simplesmente certas porções do estofo dado. Outros escultores, outras estátuas da mesma pedra! Outras mentes, outros mundos do mesmo monótono e inexpressivo caos! Meu mundo é apenas um entre milhões de mundos igualmente imersos, igualmente reais para quem possa tê-los abstraído (James, 1890/1952, p. 187).

Referências bibliográficas

Arvidson, P. S. (1998). Bringing context into focus: Parallels in the psychology attention and the philosophy of science. *Journal of Phenomenological Psychology, 29*(1), 50-92.

Caliman, L. V. (2006). *A biologia moral da atenção: A constituição do sujeito (des)atento*. Tese de doutorado, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Camus, J-F. (1996). *La psychologie cognitive de l'attention*. Paris: Armand Colin.

Crary, J. (2001). *Suspensions of perception*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.

Depraz, N.; Varela, F. J. & Vermersch, P. (1999). *The gesture of awareness: An account of its structural dynamics.* Amsterdam: Benjamim Publishers.

Depraz, N.; Varela, F. J. & Vermersch, P. (2003). *On becoming aware.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Gutman, G. (2005). *Corpos e fantasmas: William James, Henry James e a experiência pura.* Tese de doutorado, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

James, W. (1924). *Psicología pedagógica para maestros sobre algunos ideales de la vida para estudiantes.* Madri: Editor Daniel Jorro. (Original publicado em 1899).

James, W. (1952). *The principles of psychology* (Great books of the western world, Vol. 53). Chicago: Enciclopaedia Britannica. (Original publicado em 1890).

James, W. (1992). *Psychology: briefer course*. New York: The Library of America. (Original publicado em 1892).

James, W. (1974). *Ensaios em empirismo radical* (P. R. Mariconda, Trad.) (Coleção Pensadores, Vol. 40). São Paulo: Abril Cultural. (Original publicado em 1904).

Kastrup, V. (2005). A aprendizagem da atenção na cognição inventiva. *Psicologia e Sociedade, 16* (3), 7-16.

Lapoujade, D. (1997). *Empirisme et pragmatisme.* Paris: Presses Universitaires de France.

Lapoujade, D. (1999). William James: De la psychologie à la empirisme radical. *Philosophie*, *64*, 15-30.

Lévy, P. (2004). O ciberespaço e a economia da atenção. Em A. Parente (Org.), *Tramas da rede*. Pp. 80-90. Porto Alegre: Sulina.

Lima, R. C. (2005). *Somos todos desatentos?: O TDA / H e a construção de bioidentidades*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

McDermott, J. J. (Org.). (1977). *The writings of William James: A comprehensive edition, including an annotated bibliography updated through 1977*. Chicago: University of Chicago Press.

Merleau-Ponty, M. (1971). *Fenomenologia da percepção* (R. Di Piero, Trad.). Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos. (Original de 1962)

Mialet, J-P. (1999). *L'attention*. Paris: PUF.

Varela, F. & Shear, J. (1999). First-person methodologies: What, why, how*?* Em Varela, F. & Shear, J. (Orgs.), *The view from within: First person approaches to the study of consciousness* (pp. 1-14). Thoverton: Imprint Academic.

Varela, F. J. ; Thompson, E. & Rosch, E. (2003). *A mente incorporada: Ciências cognitivas e experiência humana.* (M. R. Secco-Hofmeister Trad.) Porto Alegre: Artmed. (Original de 1991).

Vermersch, P. (2002). La prise en compte de la dynamique attentionelle: Éléments théoriques. *Expliciter Journal de l'Association GREX*, *43*, 27-39.

Notas

(1) É importante colocar, contudo, que apesar da importância concedida a este conceito, Lapoujade afirma que há uma proximidade entre os momentos psicológico e filosófico de James*,* havendo já nos textos psicológicos indícios do que seria posteriormente desenvolvido com o conceito de experiência pura (Lapoujade, 1999).
(2) Todas as traduções aqui apresentadas de obras não traduzidas para o português são de nossa responsabilidade.
(3) A posição de James acerca do empirismo ganhará mais consistência a partir de 1904 com o conceito de experiência pura, cf. James (1904/1974).
(4) É fundamental, contudo, que se tome cuidado para que não se considere estes conceitos como correspondendo a estados discretos existentes, uma vez que recairíamos no mesmo problema de explicar o que se coloca entre eles constituindo uma passagem, crítica esta que é comentada pelo próprio autor em uma nota de rodapé na página 167 de *Princípios de Psicologia* (James, 1890/1952).

(5) Esta questão mereceria um maior aprofundamento, o que extrapolaria os limites e objetivos deste artigo. Para uma discussão sobre o tema cf. Varela, Thompson e Rosch (2003).
(6) Nota-se aqui a proximidade com questões colocadas por professores e educadores na contemporaneidade, quando se faz crescente a queixa acerca do comportamento e da capacidade de concentração de seus alunos.

(7) James (1890/1952) estabelece uma distinção entre a atenção sensorial, que seria voltada para os objetos dos sentidos (como sons ou cores, por exemplo) e a atenção intelectual (ou ideacional) que seria voltada para objetos ideais ou representados (como uma lembrança ou um determinado pensamento, por exemplo).

Nota sobre os autores

Gustavo Cruz Ferraz é psicólogo e atualmente é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRJ. Bolsista do CNPq- Brasil. Contato: Av. Princesa Isabel , 334 /503, bl.3, CEP 22011-010 – Rio de Janeiro (RJ)/ Brasil. E-mail: gusferraz@yahoo.com.br

Virgínia Kastrup é doutora em Psicologia e pesquisadora do CNPq. Professora do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRJ. Publicou A invenção de si e do mundo (Papirus, 1999) e diversos artigos em coletâneas e revistas especializadas. Seu

trabalho situa-se na interface entre os estudos da cognição e da produção da subjetividade. Contato: Rua Prof. Ortiz Monteiro 276/401, Bl. A. Laranjeiras. Rio de Janeiro - RJ. 22245-100. E-mail: vkastrup@terra.com.br

Data de recebimento: 21/12/2006
Data de aceite: 30/12/2007